



Colônia Agrícola Sucupira, no Riacho Fundo 1: número de casas passa de 30 para 57 em poucos anos

Chuva ameaça desabrigar os moradores de áreas de risco

Éderson Marques

As fortes chuvas dos últimos dias colocaram em alerta cerca de 500 moradores da Colônia Agrícola Sucupira, no Riacho Fundo 1. A área não conta com infra-estrutura de esgoto e, segundo a Defesa Civil, tem o terreno fofo, o que impossibilita a construção de casas no local. Mas é justamente a edificação de moradias que preocupa o órgão. Nos últimos anos, o número de casas no local subiu de 30 para 57.

O gerente da Defesa Civil do DF, Wender Costa, fez um alerta nesta semana à governadora Maria de Lourdes Abadia (PSDB). Ele informou a gravidade do assunto e pediu para que a tucana tomasse providências. A resposta de

Abadia foi positiva. Disse que conversará com a Administração do Riacho Fundo para ver a situação de cada família nos programas habitacionais do governo. A partir daí, fará a retirada das famílias que ainda moram no local.

Nascido no Rio Grande do Norte, José Renato da Silva, 39 anos, mora na chácara 31 da colônia há 15 anos. Ele contou que a degradação ambiental está piorando a situação dos moradores e provocando erosões nas proximidades do riacho que corta a região. Ao fundo de sua casa, o cerrado esconde os efeitos da enxurrada que desce das ruas nos dias de chuvas mais fortes.

— Quando chove a água entra até dentro de casa. A enxurrada leva tudo por onde passa e o que era um riacho vi-

ra rio. O governo nunca veio me visitar e, por isso, não sei o que está sendo feito para melhorar a situação. Já não temos esgoto e quase nada. Precisamos de ajuda — afirmou José Renato, que já programou mudança para o próximo mês.

Outra que não se conforma com o desamparo é a dona de casa Silvana Rodrigues de Andrade. Mãe de quatro filhos, o muro de sua casa foi construído ao lado de um córrego. Ela disse não se preocupar com a queda da edificação, mas teme pela segurança da família.

— Não dá para confiar. Quando a chuva é um pouco mais forte a gente fica rezando. Um dia a água entrou dentro de casa e a lama foi o retrato da desilusão. Eu fico preo-

cupada com os meninos, pois eles são pequenos e não sabem se defender — disse Silvana, que se preparava para encerrar mais uma chuva recolhendo a roupa do varal.

O mecânico Geraldo Nunes de Alencar foi além. Segundo ele, o que acontece na região é que grileiros estão loteando as chácaras e não há nenhuma preocupação com o bem estar dos moradores ou com o meio ambiente.

— É um absurdo. A cada dia vemos novas construções. O que era plantação de legumes e hortaliças está se transformando em casas e muros. E a terra é realmente fofa. Não podemos confiar, mas também não temos para onde ir. É uma situação muito difícil — contou Alencar, que é casado e tem dois filhos.